

Graciliano Ramos, a infância e o inferno

Prof. Dr. Luiz Gonzaga Marchezan (UNESP)¹

Resumo:

Vidas secas (1938) e Infância (1945) contam com um episódio nomeado Inferno. Em Vidas secas, ocorre quando o menino mais velho pede à sua mãe, Sinhá Vitória, explicações sobre tal lugar de sofrimento e dela recebe um cocorote. Em Infância (1945), Graciliano Ramos, diante da necessidade de recordar-se menino, posiciona-se como personagem de uma obra memorialista e dessa maneira, no evento do Inferno, para a surpresa do leitor, revela-se no menino que, nos seus seis anos de idade, questionou sua mãe sobre o inferno, tendo dela, como na obra anterior, uma explicação impaciente sobre seu sentido. Analisamos, centrados naquelas duas passagens identicamente nomeadas, suas semelhanças e diferenças.

Palavras-chave: ficção, memória, motivo.

Graciliano Ramos, em 1945, publica duas obras: um conto, *Dois dedos* e um volume com memórias – *Infância*. Há um dado volume de memórias na dimensão do conto, amargas, como as dimensionadas para *Infância*.

Infância constitui-se numa obra em que seu autor, personagem e narrador procuram, no tempo, equacionar fatos de memória por meio de um exercício de aproximação junto às sensações dos acontecimentos memoráveis, localizados no universo pessoal de Graciliano Ramos. Dessa maneira, lemos o modo como um autor vê-se personagem no interior dos seus mais ou menos primeiros 10 anos de vida, de um ponto de vista em que essa hermenêutica pessoal revolve, entre as evocações generalizadas realizadas pelo adulto, as necessárias pendências entre as circunstâncias vividas na infância ainda não apreendidas e percebidas.

Apreender a fim de perceber, no âmbito da memória, circunstâncias vividas na meninice por meio de um texto abalizado por categorias da ficção – narrador, espaço e tempo, estabelecem, em *Infância*, um modo de recordar em que o objeto da recordação não transparece na narrativa de forma inocente e de maneira explicativa. Graciliano Ramos representa um modo de apreender e perceber a realidade vivida na sua infância e adolescência por meio de imagens poéticas. Trata-se de uma representação literária e, por isso, de uma manifestação ao modo de reflexões sustentadas por uma “postura enunciativa” (COMPAGNON, 2007, p.43) que escreve acerca do que elege por afinidade e por meio de similitudes, simetrias, sem o intuito em manter uma fidelidade explícita diante das condições das lembranças. Mesmo porque, *Infância*, acreditamos, revela-se mais como outra obra ficcional de Graciliano Ramos, ao lado, como veremos, de situações representadas em outras obras do autor.

Lemos em *Infância* um exercício de linguagem de Graciliano Ramos que fia linhas de força com o intuito de representar situações emocionais memoráveis vividas pelo menino Graciliano. O autor, no livro, quer dar visibilidade à determinadas emoções vividas na infância, indefinidas nas suas lembranças, o que o coloca em contato com sensações vividas e mal apreendidas no tempo. Daí, dizê-las como que do ponto de vista de algo de sagrado – do vivido, que não pode ser mudado, mas que precisa de maior entendimento. Como, então, escrever tais momentos?

Narrar pela memória é escrever do que já não se vê; para nós, de um assunto que se lê acerca da impotência do vivente diante da sua personagem e do tempo recordado. Desse modo, dá-se uma leitura voluntária de situações que, ao lado de outras, mesmo combinadas, moral e afetivamente,

¹Luiz Gonzaga MARCHEZAN, Prof.Dr.

Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Letras – Araraquara (UNESP/FCLAr)

Departamento de Literatura

E-mail: zmarchezan@fclar.unesp.br

pouco lembram o sujeito que rememora. O discurso que trabalha com a representação da memória é prescritivo; menciona, antecipadamente, um pretexto; quer, por pressuposição, montar um contexto, o da memória. Graciliano Ramos, para isso, elabora, para *Infância*, um universo simbólico conciso que ocupa os vazios da memória do enunciador com a estratégia de combinar e sequenciar circunstâncias vividas que buscam preencher uma dada situação a ser rememorada.

Memória é o lugar em que o sujeito tanto se encontra como se perde; vê-se ora como vivente, ora como personagem; lemos, assim, no discurso memorialista, a representação da impotência do vivente diante da sua personagem e do tempo a recordar, o que nos dá um parâmetro para a medida da consciência de quem rememora. Desse modo, dados que, voluntariamente, nada lembram, ao lado de outros, combinados, aliam-se subjetivamente com o sujeito que lembra.

Em *Infância*, no interior daquele universo simbólico conciso que observamos na argumentação da prosa memorialista de Graciliano Ramos, determinados vocábulos levam-nos ao modo como o ficcionista busca incorporar suas lembranças, dando-lhes visibilidade no texto, enfatizando-as no conjunto do texto, momento em que tanto espreitamos a maneira como Graciliano apreende e percebe o tempo vivido, como, para isso, constrói um discurso singular, literário.

As expressões das lembranças amarguradas do menino motivam a narrativa por meio de um campo de imagens componente do universo simbólico construído pelo autor conforme a seleção abaixo. Ordenamos as citações diante das três maneiras com as quais Graciliano expressa sua forma transcendental de apreensão e percepção da existência. Estabelecemos abaixo, a fim de representar tais momentos, de maneira ordenada, um fragmento mais expandido ao lado de outros bem sintéticos.

A maneira primeira reúne-se em torno dos vocábulos **névoa, vapor, nuvem**:

A primeira coisa que guardei na memória foi um vaso de louça vidrada, cheio de pitombas, escondido atrás de uma porta. Ignoro onde o vi, quando o vi, e se uma parte do caso remoto não desaguasse noutro posterior, julgá-lo-ia sonho. Talvez nem me recorde bem do vaso: é possível que a imagem, brilhante e esguia, permaneça por eu a ter comunicado a pessoas que a confirmaram. Assim, não conservo a lembrança de uma alfaia esquisita, mas a reprodução dela, corroborada por indivíduos que lhe fixaram o conteúdo e a forma [...] Houve uma segunda aberta entre as nuvens espessas que me cobriam: percebi muitas caras, palavras insensatas. Que idade teria eu? Pelas contas de minha mãe, andava em dois ou três anos. A recordação de uma hora ou de alguns minutos longínquos não me faz supor que a minha cabeça fosse boa. (RAMOS, 1978a, p.9-10)

Assim como nos trechos: “Tudo é nebuloso” (RAMOS, 1978a, p.32); “Havia uma neblina, e não percebi direito os movimentos de meu pai” (RAMOS, 1978a, p.34); “Através de uma neblina, distinguia formas vagas e inconsistentes” (RAMOS, 1978a, p.40); “Em seguida veio uma turvação, nevoeiro” (RAMOS, 1978a, p.66); “A figura que me perseguia `a noite serenou e fugiu; “E a outra, nuvem colorida, evaporou-se”. (RAMOS, 1978a, p.254).

A segunda maneira aproxima-se das palavras **treva e sombra**:

As sombras me envolveram, quase impenetráveis, cortadas por vagos clarões: os brincos e a cara morena de Sinhá Leopoldina, o gibão de Amaro Vaqueiro, os dentes alvos de José Baia, um vulto de menina bonita, minha irmã natural, vozes ásperas, berros de animais ligando-se à fala humana. O moleque José ainda não se tinha revelado. Meu pai e minha mãe conservavam-se grandes, temerosos, incógnitos. Revejo pedaços deles, rugas, olhos raivosos, bocas irritadas e sem lábios, mãos grossas e calosas, finas e leves, transparentes. Ouço pancadas, tiros, pragas, tilintar de esporas, batecum de sapatões no tijolo gasto. Retalhos e sons dispersavam-se. Medo. Foi o medo que me orientou nos primeiros anos, pavor. (RAMOS, 1978a, p.14)

Ao lado dos segmentos: “Torturava-me semanas e semanas, eu vivia na treva, o rosto oculto num pano escuro, tropeçando nos móveis, guiando-me às apalpadelas, ao longo das paredes (...) Os objetos surgiam empastados e brumosos” (RAMOS, 1978a, p.135); “Minha mãe tinha a franqueza de manifestar-me viva antipatia. Dava-me dois apelidos: bezerro-encourado e cabra-cega” (RAMOS, 1978a, p.136); “Se se referissem a um cavalo cego, não me ofenderiam tanto” (RAMOS, 1978a, p.137); “Na escuridão percebi o valor enorme das palavras” (RAMOS, 1978a, p.138); “E meses depois, nova pausa, novo mergulho na sombra” (RAMOS, 1978a, p.141).

A última forma encontrada pelo autor avizinha-se da sequência **teia de aranha**:

Sozinho, vi-o [o pai] de novo cruel e forte, soprando, espumando. E ali permaneci, miúdo, insignificante, tão insignificante e miúdo como as aranhas que trabalhavam na telha negra.

Foi esse o primeiro contato que tive com a justiça. (RAMOS, 1978a, p.35)

Do mesmo modo, nas passagens: “Cercavam-se as portas e as janelas, do teto negro pendiam teias de aranha” (RAMOS, 1978a, p.34); “Havia um cheiro acre de lenha verde queimada; a fumaça da cozinha unia-se à poeira de água; engrossava a fuligem que tingia as teias de aranha” (RAMOS, 1978a, p.59); “Entretinha-me remexendo as maravalhas, explorando os recantos escuros, observando o trabalho das aranhas e a fuga das baratas” (RAMOS, 1978a, p.97); “Só eu me atrapalhava nela, os meninos comuns viam facilmente o fugitivo esconder-se na gruta, a aranha fabricar a teia. Humilhava-me – e na horrível cartonagem só percebia uma confusão de veredas espinhosas” (RAMOS, 1978a, p.126).

A sinédoque – uma comparação de várias coisas simultaneamente, conforme o grego, reúne o sentido exposto no campo de imagem construído por Graciliano para a expressão das suas amarguras. Pelos três vieses daquele campo – **a névoa, o vapor, a nuvem; a treva, a sombra; a teia de aranha** -, lemos um menino vivendo sempre incertezas, às vezes, na escuridão quando adoentado com oftalmia e, sempre, sentindo-se aparvalhado, sem valores, inseguro, sem direções nítidas.

A sinédoque, em *Infância*, mostra-se uma figura plurissêmica, que ressalta e enfatiza, por meio de um princípio estruturante, uma cadeia de significações com a função semiótica de fixar o nível das lembranças de alguém que, na sua meninice, sentiu-se alheio diante do mundo.

Assim, observamos como o narrador e personagem, em primeira pessoa, anota a ação de sua memória numa exposição monologada da narrativa que dilui a sucessão temporal diante da simultaneidade das lembranças com as quais o protagonista quer ler o mundo apreendido, inicialmente, em imagens não-verbais, percebendo-o, posteriormente, quando traduzido nas imagens verbalizadas na função da sinédoque. Dessa maneira, o narrador encontra-se em primeira pessoa do discurso, no interior de uma sobreposição de verbos no presente e no passado. Diante disso, a enunciação instala no texto a subjetividade e, desse modo, a narração contempla a temporalidade do narrador, da personagem e do leitor.

Mostra-se, dessa maneira, no caso, o alheamento apreendido pelo narrador e personagem, a fim de compreender o seu comportamento enquanto menino, dando-nos, também, o percurso figurativo responsável pela maneira como a narrativa estabelece a relação entre mãe e filho. Segundo José Lins do Rego (1981, p.125): “Nem o amor materno resistiu aos ácidos do homem tremendo do *Infância*”. Ou, ainda, conforme Lins do Rego (1992, p.82):

Graciliano Ramos é o romancista da solidão. É o romancista que está só na profundidade de seu poço, na companhia de todos os seus eus, de todos os seus monólogos. Alguns de seus personagens falam, mantêm diálogos com sombras [...] Os homens e as mulheres, até os bichos que ele cria, são criaturas que carregam a vida como o maior castigo.

As impressões de José Lins do Rego sobre a ficção do amigo são modelares e, até, homologam aquelas que reunimos a partir de citações de *Infância*, estabelecidas pelo autor acerca da sua intimidade quando menino, incluídas suas relações maternas.

Em *Infância*, no episódio do Inferno, o menino questiona sua mãe e dela tem uma explicação impaciente sobre o sentido de inferno. O mesmo acontecera em *Vidas secas*, quando o menino mais velho pede à sua mãe, Sinhá Vitória, explicações sobre tal lugar de sofrimento e dela recebe um cocorote.

No romance o episódio é nomeado “O menino mais velho”; no volume com memórias, a questão situa-se entre os episódios “O fim do mundo” e “Inferno”. Entre 1938 e 1945 temos piorada a figura da mãe e melhorada a do menino e perdura a pergunta figurada sobre o pior do destino humano. Em *Infância*, o garoto, de repente, depara-se com a mãe em prantos diante da leitura de folhetins religiosos que falam sobre o fim do mundo. O menino, no livro de 1945, persegue o sentido das palavras; em *Vidas secas*, por exemplo, comunica-se com gestos e grunhidos com a cachorra Baleia, achando-se compreendido pelo animal como outro pequeno animal. O menino de *Vidas secas* não tem noção da morte, nem da vida; o de *Infância*, no curso da narrativa, apreenderá, principalmente, acerca da morte, por meio de questões infernais, incluídas as da carbonização e putrefação do corpo humano nos episódios “Um incêncio” e “Um enterro”. Temos, nos dois textos comentados de Graciliano, ao lado de mães irascíveis, filhos que, com medo, aprendem sobre o mundo a partir do seu mundo. Conforme Barthes (1992, 39): “Interpretar um texto não é dar-lhe um sentido (mais ou menos embasado, mais ou menos livre), é, ao contrário, estimar de que plural é feito”.

O conceito de *weltliteratur* de Goethe representa a possibilidade vislumbrada pelo autor de um dado texto compará-lo, nos seus nexos, com outros, na contextualização de valores e na construção de uma cultura literária abrangente para o espírito. Acreditamos que o semelhante se dê em relação a Graciliano Ramos; no caso, a partir da feitura de suas duas obras, em atmosferas culturais localizadas nas épocas dos seus lançamentos: a primeira no interior do modernismo já avançado e a segunda no âmago da revisão do próprio movimento; situações localizadas no contexto mundial do início e final da primeira metade do século XX. *Vidas secas* e *Infância* voltaram-se para as qualidades e falhas do indivíduo no homem, numa visão, para nós, além de regiões ou fronteiras. Ao lado disso, lembremo-nos de uma palestra do autor presente em obra póstuma: *Linhas tortas* (1962). No trecho que segue podemos apreender e perceber a trajetória de um escritor que, ao que nos parece, manteve-se constantemente interlocutor do seu próprio texto, destinatário primeiro de suas idéias:

Temos o direito de achar desagradáveis as palavras que nos impingiram na infância [as palavras e o que elas nos disseram], a maneira de flexioná-las e juntá-las. Mas é com essa matéria-prima, boa ou má, que fabricamos nossos livros”. (RAMOS, 1978b, p.275)

Infância situa-se no interior da demanda da narrativa de um romance de formação; esteticamente marcante, mostra-nos um texto voltado para a análise da transformação do homem na construção da sua identidade, personalidade; da necessidade humana em centrar-se na composição do seu universo pessoal, moldado num conjunto intenso de conhecimentos. Acontecimentos de motivos idênticos, vistos e revistos em obras distintas, mostram-nos que o escritor não trabalha exclusivamente com tipos de uma mesma dimensão ou somente de uma região; quer ele estimar, acreditamos, nas duas obras em questão, a proporção da amargura que passa pelo interior das personagens implicadas nos dois episódios anunciados. O texto de *Infância* envolve-se, como vemos, com a questão da memória. A memória procura dar corpo para determinadas situações que não ganharam, no passado, conforme a narrativa, a significação que, no momento da enunciação,

ganham, querem assumir. Dessa maneira, o discurso memorialista de Graciliano Ramos resgata o que, no passado, não teve complemento. O tempo da enunciação enunciada em acontecimentos de memória preenche seus vazios - combina e sequencia situações narradas, dadas, no caso, pela sinédoque, que busca preencher faltas memoráveis, num processo enriquecido pelo ficcional. Na falta de um eu que lembre com consistência, o narrador, protagonista e autor procura suas faltas no discurso, na linguagem. Assim, o passado é reconsiderado, num híbrido entre o acontecido, retomado por verdades ficcionalizadas. A ação ficcional é plural; suas sequências narrativas são múltiplas. Desse modo, a composição do memorável adquire uma forma aproximada com o romanescos, com a sua maneira de rememorar, tornar a lembrar. O tema da amargura, portanto, ganha figuras nos dois textos que motivam e sustentam suas narrativas. Assim sendo, mostra-se, para nós, a vontade civilizatória de Graciliano Ramos e uma disposição de estabelecer, no mundo da literatura, trocas de valores culturais.

Referências Bibliográficas

- COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.
- BARTHES, Roland. *S/Z*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992.
- LINS DO REGO, José. *Dias idos e vividos*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981.
- RAMOS, Graciliano. *Infância*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1978a.
- RAMOS, Graciliano. *Linhas tortas*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1978b.